Retrato do Artista Quando Jovem

de James Joyce

(1882 – 1941)

Resumo da Narrativa

Obra indiscutivelmente autobiográfica, o "Retrato do Artista Quando Jovem" narra a trajetória de Stephen Dedalus – cujo sobrenome é referência inequívoca à personagem mitológica Dédalo – desde suas primeiras percepções sobre o mundo até o momento em que, como Dédalo, bate as asas, deixando para trás a infância, a família, a religião e, sobretudo, a Irlanda, país onde o autor esteve pela última vez em 1912 para nunca mais.

O embrião do "Retrato" é um ensaio autobiográfico escrito pelo autor em 1904, então com vinte e dois anos. Recusado pelos editores da revista *Dana*, o texto evoluiu para as mil páginas de manuscrito *"Stephen Hero"* (mais tarde destruído) e foi finalmente reduzido e publicado em cinco capítulos, entre fevereiro e setembro de 1914, pela revista *The Egoist* com o título de *"Portrait of the Artist as a Young Man"*, sugestão de Stanislaus Joyce.

Embora não tenha o impacto de "Ulisses", que viria à luz cinco anos depois, o "Retrato" traz diversas inovações estilísticas como a adequação do estilo narrativo às diversas idades da personagem central. Mais do que qualquer outra coisa, o livro é escrito num *"stream of consciousness"*, técnica também adotada, entre outros, por Virginia Woolf (1882-1941), que coincidentemente nasceu e morreu nos mesmos anos que James Joyce.

Otto Maria Carpeaux vê no "Retrato" uma obra narrada *"com sutil arte simbolista"*, mas com muita *"violência contra os jesuítas e o catolicismo irlandês"*.

Capítulo I

No início do romance, estamos na mente de uma criança: fragmentos de uma rima infantil são entremeadas com sensações e associações de sentimentos, tato, audição e olfato. Joyce nos transporta para a mente infantil para nos mostrar como ela registra e responde ao mundo ao seu

redor. Joyce nos leva a partilhar as memórias possivelmente mais remotas de Stephen Dedalus, o herói do romance e seu *alter ego* literário.

Stephen tem apenas três anos quando começa a se identificar com o mundo físico, com membros da sua família e com o mundo sensorial: lembra-se do rosto hirsuto de seu pai, do cheiro doce da mãe, da experiência desconfortável de molhar a cama *("Quando a gente molha a cama primeiro é quente depois fica frio. Sua mãe punha um oleado. Aquilo tinha um cheiro esquisito.")* e de certas palavras especiais e extravagantes, *"baby tuckoo"* e *"moocow"*. Era uma época feliz, ele diz, pois sentia-se seguro e livre de perigo.

A memória seguinte de Stephen é de três anos mais tarde, no Clongowes Wood College[1], o colégio jesuíta no qual está internado. Comparado aos outros meninos, Stephen é pequeno e fraco, sofre de problemas de visão e tem saudades de casa. É provocado sistematicamente pelos maiores:

> *" – Diga-nos, Dedalus, você beija a sua mãe antes de ir para a cama?*
> *Stephen respondeu:*
> *- Beijo.*
> *Wells se virou para os outros companheiros e disse:*
> *- Ora veja, aqui está um camarada que diz que beija sua mãe toda noite antes de ir para a cama.*
> *Os outros colegas pararam o jogo e se voltaram, rindo. Stephen corou sob seus olhares e disse:*
> *- Eu não beijo.*
> *Wells disse:*
> *- Ora veja, aqui está um camarada que diz que não beija sua mãe toda noite antes de ir para a cama.*
> *Todos riram novamente. Stephen tentou rir com eles. Sentiu todo o seu corpo ficar imediatamente confuso e quente. Qual era a resposta certa para a pergunta?"* (pág. 22)

Nestes dias miseráveis, ele se conforta com lembranças de casa:

> *"Todos os meninos lhe pareciam muito estranhos. Eles tinham pais e mães e roupas e vozes diferentes. Desejava ansiosamente estar em casa e repousar a cabeça no colo de sua mãe. Mas não podia, e então ele desejava ansiosamente que os jogos e os estudos e as orações terminassem e ele pudesse ficar na cama."* (pág. 21)

A primeira crise de Stephen em Clonglowes acontece quando Wells, aquele colega brigão, empurra-o numa fossa, porque ele não quer trocar uma tabaqueira por um quebra-nozes. Dedalus cai doente. Na enfermaria da escola, Stephen conhece Athy, o gentil filho de um criador de cavalos de corrida, que confidencia a Stephen também ter nome fora do comum. Enquanto permanece internado na enfermaria, Stephen é tratado pelo irmão Michael, um clérigo tristonho, mas compassivo, que cuida dos garotos doentes e ameniza o seu isolamento, lendo para eles as notícias do jornal.

---

[1] Nota do resumidor – Clongowes Wood College, dirigido por jesuítas, era o mais prestigiado colégio religioso irlandês na época.

Embora sinta-se deprimido, Stephen conforta-se imaginando melodramaticamente a pompa do seu próprio enterro e o grande remorso de Wells por ter causado sua desafortunada morte. Por outro lado, se iria continuar a viver, aquela era uma boa oportunidade de voltar para casa.

> *"Aquilo era a enfermaria. Estava doente então. Teriam escrito para casa para dizer a sua mãe e a seu pai como ele estava? Mas seria mais rápido se um dos padres fosse pessoalmente contar a eles o que estava acontecendo. Ou ele escreveria uma carta para que o padre a levasse.*
>
> *Querida mãe,*
>
> *Estou doente. Quero ir para casa. Por favor venha e me leve para casa. Estou na enfermaria.*
>
> *Seu filho devotado,*
>
> *Stephen."* (págs. 31-32)

Cai num sono intranquilo, em que é engolfado por "ondas" de luz, pelos sons de ondas marinhas imaginárias, e pelas notícias que o irmão Michael está lendo sobre a morte de Charles Stewart Parnell[2].

A morte de Parnell torna-se mais importante na cena seguinte, quando Stephen volta para casa para passar o Natal. Participam da ceia os pais de Stephen (Mary e Simon), John Casey (um amigo de Simon), Charles, o tio-avô de Stephen, e a sua velha babá, Dante Riordan. Stephen está especialmente animado, porque, pela primeira vez na vida, pode se sentar à mesa com os adultos.

A alegria da ocasião é logo interrompida, entretanto, por uma discussão sobre o papel da Igreja Católica na política e sua atitude em relação aos seguidores do falecido Charles Stewart Parnell. De um lado, estão o sr. Simon Dedalus e John Casey; do outro a sra. Dante. O tio Charles não está *"em lugar nenhum"*.

Casey, partidário radical de Parnell, defende-o contra as injustiças infringidas contra ele e sua causa pelos irlandeses e pela Igreja Católica que, segundo ele o teria perseguido até o túmulo. Na discussão, naturalmente faz-se menção ao muito comentado caso amoroso de Parnell com uma mulher casada, Kitty O'Shea. Dante Riordan defende veementemente a censura da Igreja ao envolvimento de Parnell com Kitty. Casey retruca alegando que, ao interferir em assuntos seculares, a Igreja acabou com uma carreira política que prometia autonomia para a Irlanda. O debate evolui para críticas à própria Igreja, de que os homens escarnecem contando um caso:

> *" – Aquela foi uma boa resposta que o nosso amigo deu para o cônego, não foi mesmo? – disse o Sr. Dedalus.*
>
> *- Eu não pensava que ele fosse capaz disso – disse o Sr. Casey.*
>
> *- Eu lhe pagarei o que lhe é devido, padre, quando o senhor parar de transformar a casa de Deus numa cabine de votação.*
>
> *- Bela resposta – disse Dante – para um homem que se diz católico dar a um padre.*
>
> *- Eles só podem culpar a si mesmos – disse o Sr. Dedalus suavemente. – Se ouvissem o conselho de um tolo eles restringiriam sua atenção à religião.*
>
> *- É religião – disse Dante. – Eles estão cumprindo seu dever ao prevenir as pessoas.*

---

[2] Nota do resumidor – Charles Stewart Parnell (1846-1891) foi o parlamentar britânico campeão da autonomia (*"home rule"*) da Irlanda, embora fosse inglês e protestante. Envolvido em rumoroso triângulo amoroso, acabou demonizado pelo catolicismo radical irlandês.

- Nós vamos à casa de Deus – disse o Sr. Casey – com toda a humildade para rezar ao nosso Criador e não para ouvir discursos eleitorais.
- Isso é religião – disse Dante novamente. – Eles estão certos. Eles devem conduzir seus rebanhos.
- E pregar política do altar, não é? – perguntou o Sr. Dedalus.
- Certamente – disse Dante. – É uma questão de moralidade pública. Um padre não seria um padre se ele não dissesse ao seu rebanho o que é certo e o que é errado." (pág. 39)

A discussão fica mais ardorosa com troca de insultos e é concluída com o grito triunfante da sra. Dante: *"Nós o esmagamos* (Parnell) até *a morte!"* A mulher sai batendo a porta, deixando Simon e Casey amargando a perda do herói amado (*"Pobre Parnell! Meu rei morto!"*). O sr. Dedalus conclui: *"Somos uma raça dominada por padres e sempre o fomos e sempre o seremos até o final de nossos dias"*.

A cena seguinte inicia com Stephen, novamente em Clongowes, especulando com os colegas sobre a punição que receberiam os alunos que haviam roubado vinho da sacristia. Pensando sobre a sacristia escura e silenciosa, e as coisas sagradas em geral, Stephen tem uma visão de Eileen Vance, jovem menina com *"mãos de marfim"*, tão macias que o lembravam de duas frases de veneração que ele repetia na litania da Virgem Abençoada – *"Torre de Marfim"* e *"Casa de Deus"*. Os devaneios de Stephen são interrompidos pela sineta.

Durante a aula de latim do Padre Arnall, aparece Padre Dolan, o prefeito de estudos[3], portador de ameaçadora palmatória à procura de *"pequenos vadios preguiçosos e ociosos"*. Dolan repara que Fleming e Stephen não estão fazendo as suas lições. Depois de disciplinar Fleming, Dolan aproxima-se de Stephen, que justifica ter sido dispensado de suas tarefas por ter quebrado os óculos na pista de corrida. (Na verdade havia sido no episódio do empurrão de Wells, que ele não pode entregar, por causa do código de honra dos alunos).

Recusando-se a acreditar que Stephen os havia quebrado por acidente, o sádico Dolan ordena que o menino apresente suas mãos para a palmatória.

"Stephen fechou os olhos e estendeu no ar sua mão trêmula com a palma para cima. Sentiu o prefeito de estudos tocá-la por um instante nos dedos para esticá-la e então o silvar da manga da batina quando a palmatória foi erguida para bater. Um golpe formigante, ardente, escaldante e quente como o estalo sonoro de uma vareta quebrada fez sua mão trêmula se encolher como uma folha exposta ao fogo: e com o som e a dor lágrimas escaldantes invadiram seus olhos. Seu corpo inteiro tremia de pavor, seu braço temia e sua mão lívida, encolhida e escaldante tremia como uma folha solta no ar. Um grito lhe saltou dos lábios, uma oração a ser liberada. Mas embora as lágrimas escaldassem seus olhos e seus membros tremessem de dor e pavor ele reteve as lágrimas quentes e o grito que escaldava sua garganta.
- A outra mão! – gritou o prefeito de estudos." (pág. 59)

Stephen sente humilhação e raiva. Seus colegas também ficam indignados e incentivam Dedalus a denunciar o caso ao padre Conmee, o reitor da escola.

---

[3] Nota do resumidor – O prefeito dos estudos é o padre responsável pela disciplina.

Stephen calcula rapidamente as consequências de ação tão ousada e decide-se, percorrendo os corredores tortuosos que o levariam ao “castelo”, local onde ficava o reitor. O menino conta ao reitor o episódio e, para seu assombro, o padre promete resolver a situação com o Padre Dolan em favor dele. Confortado e animado com os resultados de sua iniciativa, Stephen percorre orgulhosamente os corredores sombrios do “castelo”, sendo saudado por seus colegas como líder e herói. Fazem uma cadeirinha e erguem-no. Metaforicamente, Stephen alça vôo, momentaneamente livre de medos e constrangimentos.

Capítulo II

O capítulo inicia com Stephen em casa, passando as férias de verão com a família, que se mudou de Bray para Blackrock, cerca de cinco milhas a sudeste de Dublin, por causa das dificuldades financeiras do sr. Dedalus.

Stephen gosta de estar com seu pai e com seu tio-avô, o tio Charles, que todo dia de manhã sai com seu chapéu alto, cantarolando canções irlandesas, fumando seu mal-cheiroso *“black twist”*, preparando-se para o ritual matutino diário do uso da casinha.

Tio Charles e Stephen fazem seu passeio matinal até o mercado. Depois caminham até o parque, onde encontram-se, como de costume, com Mike Flynn, um velho amigo de Simon, que treinava o menino para ser corredor. Flynn, segundo o pai de Stephen, *“teve em suas mãos alguns dos melhores corredores dos tempos modernos”*. Stephen, tendo reparado no *“rosto flácido e com barba por fazer* (de Mike)... *e nos longos dedos manchados com que enrola seus cigarros”*, duvidava das declarações exageradas de seu pai sobre as qualificações de seu treinador.

De volta da ginástica, Stephen acompanha tio Charles até a capela, onde o ancião reza. Stephen não entende a piedade grave de seu tio e pergunta-se por que ele ora tão fervorosamente.

Nos finais de semana, Stephen faz longas caminhadas com seu pai e o tio Charles, escutando pacientemente histórias familiares e conversas sobre política irlandesa. O menino começa a ler avidamente “O Conde de Monte Cristo”[4] e “tranforma-se” no amante soturno e agressivo da bela e modesta Mercedes. Com o amigo Aubrey Mills, Stephen representa numerosas batalhas e feitos de bravura.

No final do verão, Stephen descobre que não retornaria a Clongowes Wood, por causa da crescente inviabilidade financeira de seu pai. Pouco depois, Stephen e sua família mudam-se para uma *“casa desanimadora”* em Dublin. Stephen percebe que seu pai é um fracasso econômico. O menino torna-se autoconsciente e amargo, embaraçado pela *“virada de sorte”* que dolorosamente afeta sua vida.

Para escapar de sua infelicidade, Stephen mergulha em fantasias de amor e romance.

> *“Retornava a Mercedes e, enquanto meditava sobre sua imagem, uma inquietação estranha se insinuava furtivamente sangue adentro. Às vezes uma agitação febril se acumulava em seu íntimo e o levava a perambular de noite sozinho pela avenida silenciosa. A paz dos jardins e as luzes generosas nas janelas derramavam uma força*

[4] Nota do resumidor – Obra romanesca de Alexandre Dumas (pai) escrita entre 1844-1855, que trata da vingança de Edmond Dantés, aprisionado injustamente no castelo d’If.

> *amena sobre seu coração inquieto. A algazarra das crianças brincando o aborrecia e suas vozes tolas faziam-no sentir, ainda mais intensamente do que sentiram em Clongowes, que era diferente dos outros. Não queria brincar. Queria encontrar no mundo real a imagem quimérica que sua alma contemplava tão constantemente. Não sabia onde ou como a procurar; mas uma premonição que o fazia prosseguir dizia-lhe que esta imagem iria encontrá-lo, sem nenhum ato premeditado de sua parte. Eles se encontrariam tranquilamente como se tivessem se conhecido e tivessem marcado um encontro, talvez em um dos portões ou em algum lugar mais secreto. Estariam sozinhos, cercados pela escuridão e pelo silêncio: e naquele momento de suprema ternura ele ficaria transfigurado. Ele se diluiria em algo impalpável sob os olhos dela e então num instante estaria transfigurado. Fraqueza e timidez e inexperiência o abandonariam naquele momento mágico. "* (págs. 75-76)

Pensamentos sobre a bela Mercedes misturam-se com memórias amorosas de determinada menina; para acalmar sua tempestade de emoções, escreve poema para a sua amada: *"Para E---C----... um poema em linguagem romântica, byronesca"*. Deseja ainda mais a garota, perplexo com o pungente e indefinido anseio de satisfação sexual que, é claro, ele ainda não havia experimentado.

O pai de Stephen consegue uma bolsa no Colégio Belvedere, outra escola jesuíta, e Stephen sente-se humilhado ao descobrir que seu pai havia discutido o incidente da palmatória com o Padre Conmee *e* com o próprio Padre Dolan. Para sua vergonha e frustração, todos teriam dado *"uma boa risada"* sobre o angustiado confronto de Stephen com o reitor.

A cena seguinte passa-se dois anos e meio mais tarde em Belvedere. Stephen tem cerca de quatorze anos, prepara-se para subir ao palco na representação de uma peça escolar, no papel de um *"pedagogo grotesco"*. Nos seus anos de Belvedere, Stephen destacou-se como escritor, ator, estudante modelo e tornou-se um líder, rivalizado apenas pelo colega Heron. (*"Como os colegas da primeira série eram broncos indiscrimináveis, Stephen e Heron tinham sido os cabeças virtuais da escola durante o ano"*).

Enquanto espera a sua deixa para entrar em cena, Stephen é provocado por Heron e Wallis. Eles fazem pouco de Stephen e provocam-no sobre uma garota que havia mostrado interesse por ele. Dedalus responde ao escárnio irreverentemente; recita o *Confiteor*[5] e recorda um incidente anterior com Heron que havia provocado a mesma resposta. Era o seu primeiro ano em Belvedere, uma época em que se sentia terrivelmente inseguro sobre sua vida familiar e seu futuro. Quando começava a sentir-se orgulhoso com o sucesso de suas composições, o sr. Tate, o professor de inglês, vituperou em público uma de suas composições, dizendo que continha heresias. Estranhamente, Stephen sentiu uma *"vaga.... maligna alegria"* ao ser acusado pelo professor. Na sequência, Heron e dois outros alunos encrenqueiros, aparentemente com inveja de Stephen, haviam provocado uma briga. Durante a discussão, Stephen elegeu o cardeal Newman seu escritor favorito e Byron seu poeta predileto. Os encrenqueiros – Heron, Boland e Nash – todos preferiam Tennyson ao *"herético e imoral"* Byron e tentaram forçar Stephen a *"admitir que Byron não era boa coisa".* Bateram nele e partiram. Stephen lembra-se de tê-los seguido, com lágrimas nos olhos.

---

[5] Nota do resumidor – *Confiteor* é o *"mea culpa, mea maxima culpa"*, a oração católica usada na missa para a confissão dos pecados.

A memória ainda é vívida, mas Stephen não guarda mais mágoas. A antiga raiva foi apagada pelo seu amor adolescente pela jovem garota que vem vê-lo na peça. A admiração dela por ele é muito mais significativa que as provocações dos moleques. O papel de Stephen na peça é o de *“pedagogo grotesco”*, e ele fica meio embaraçado quando pensa na menina assistindo seu desempenho amador. Por causa disso, assim que termina de dizer suas linhas, foge do palco, para longe da audiência e de sua família. Ele está confuso, flutuando em um mar de *“orgulho ferido... esperança perdida .... e desejo frustrado”*.

> *“Sem esperar pelas perguntas do pai atravessou correndo a estrada e começou a andar em velocidade vertiginosa pela colina abaixo. Mas sabia onde estava andando. Orgulho e esperança e desejo como ervas esmagadas em seu coração enviavam vapores de incenso enlouquecedor aos olhos de sua mente. Andou com passadas largas colina abaixo em meio ao tumulto dos vapores subitamente emanados do orgulho ferido e da esperança perdida e do desejo malogrado. Eles flutuaram para o alto diante de seus olhos angustiados em exalações densas e enlouquecedoras e sumiram acima dele até que finalmente o ar ficou novamente claro e frio.”* (pág. 96)

Na sequência, Stephen viaja de trem com seu pai para Cork, terra do sr. Dedalus, que planeja vender em leilão o que restava de suas propriedades. Entediado e desinteressado durante a viagem, Stephen observa seu pai bebendo direto da garrafa e emocionando-se, ocasionalmente, com suas reminiscências. Cismarento, o velho fala a Stephen de tempos passados e amigos perdidos.

Na Universidade Queen, que haviam ido visitar, chegam ao anfiteatro de anatomia, que Simon havia frequentado quando estudante de medicina (sem ter se formado). Stephen choca-se ao ver a palavra *feto* escavada na carteira que era de seu pai. Simon está descrevendo seus dias de estudante, mas Stephen ouve apenas palavras. Está cercado de fantasmas, que riem obscenamente. De repente, percebe que aqueles rapazes muito antes dele também sofriam da *“doença... brutal”* dos pensamentos negros sobre sexo que o assolavam. Até aquele momento, Stephen pensara que a preocupação com sexo era só dele; agora estes jovens que escavaram a palavra *feto* durante uma aula de anatomia estavam ligados a Stephen. Ele não estava sozinho ao imaginar todo o tipo de *“devassidão secreta”*.

Simon não percebe a angústia do filho; continua falando sobre velhos amigos e dá pequenos conselhos a Stephen de como se comportar como um cavalheiro e procurar a companhia de alunos com modos cavalheirescos – com habilidades para cantar, contar histórias e praticar esportes. A superficialidade dos conselhos de Simon e sua admissão de não saber realmente como ser pai (*“não acredito em desempenhar o papel de pai severo. Não acredito que um filho deve temer seu pai...”*) fazem com que Stephen sinta-se isolado, irritadiço, e pouco receptivo aos murmúrios sentimentais e melodramáticos do Sr. Dedalus. O rapaz repete lentamente para si mesmo:

> *“ – Eu sou Stephen Dedalus. Estou andando ao lado do meu pai cujo nome é Simon Dedalus. Estamos em Cork, na Irlanda. Cork é uma cidade. Nosso quarto fica no hotel Victoria. Victoria e Stephen e Simon. Simon e Stephen e Victoria. Nomes.”* (pág. 103)

Stephen tenta escapar dos seus sentimentos de alienação, mas só consegue trazer à tona memórias de experiências da infância em que se sentia solitário e desassossegado, como naquele momento. Simon ainda não havia percebido a perturbação do filho e o humilha pelos *pubs* locais,

dizendo jocosamente que *“aquele zé-ninguém ao seu lado era seu filho mais velho, mas era apenas um inútil de Dublin”*.

A mente de Stephen é um turbilhão e suas emoções intensificam-se, quando escuta histórias das aventuras amorosas e as bebedeiras do seu pai (e até do seu avô). Lentamente, Stephen começa a se conformar com o fato de que *“sua infância estava morta ou perdida e com ela a sua alma”*.

Na próxima cena, Stephen e sua família vão ao banco sacar o prêmio que o rapaz havia ganhado com uma composição literária. Excitado por ter tanto dinheiro (trinta e três libras, um “dinheirão” para um jovem iniciante), Stephen começa a esbanjar em jantares, presentes, e redecoração da casa dos Dedalus. O prazer em gastar o dinheiro do prêmio só seria suplantado por posteriores sentimentos de vergonha, quando cairia em si e perceberia a tolice de tentar *“construir um quebra-mar de ordem e elegância contra a sórdida maré da vida”*.

> *“Percebia também claramente a inutilidade de seu próprio isolamento. Não dera um passo sequer que o tornasse mais próximo das vidas das quais procurara se aproximar nem transpusera a vergonha e o rancor incessantes que o separavam da mãe e do irmão e da irmã. Sentia que dificilmente corria em suas veias o mesmo sangue que nas deles mas que de preferência tinha com eles um parentesco místico de pais de criação, de filho de criação e irmão de criação.”* (pág. 108)

Frustrado e desiludido, Stephen não passa mais as noites com a família. Embora não sendo mais um garoto, vagueia pelas *“ruas escuras e escorregadias”* de Dublin, tentando *“apaziguar os anseios selvagens do seu coração”* e, uma noite, sentindo-se como uma *“fera frustrada em busca de uma presa*”, chega ao coração do distrito dos bordéis de Dublin. Na soleira de uma porta escura há uma jovem prostituta de vestido cor-de-rosa que convida Stephen para o seu quarto: ele *“entrega-se a ela, corpo e mente...”*.

Capítulo III

Nos dias seguintes à sua primeira experiência sexual (Joyce refere-se a ela como o *“primeiro pecado violento”*), Stephen descobre que está faminto; seu despertar para o sexo parece ter também despertado seu apetite para carne, cenouras e batatas. Seus estudos, de repente, tornam-se completamente desimportantes ou apresentaram nova e vergonhosa importância: ao resolver uma equação matemática, Stephen recorda-se de que a sua natureza pecadora multiplica-se cada vez mais.

Frequentemente sente-se letárgico, apático, incapaz de rezar. Sente que *“uma onda de vitalidade saiu dele”*, levando com ela sua resistência à tentação. Embora saiba que está em perigo de *“danação eterna”*, uma *“fria indiferença”* toma conta dele e impede o arrependimento e a contrição, fazendo-o prosseguir na sua carreira luxuriosa.

> *“Uma fria indiferença lúcida reinava em sua alma. Ao seu primeiro pecado violento sentira uma onda de vitalidade abandoná-lo e temera ver seu corpo e sua alma mutilados pelo excesso. Contrariamente a onda vital o transportara em seu bojo para fora dele mesmo e de volta novamente quando retrocedeu: e nenhuma parte do corpo ou da alma havia sido mutilada, mas uma paz sombria se estabelecera entre eles. O caos em que o seu ardor se extinguia era um conhecimento de si mesmo, frio e indiferente. Pecara mortalmente não uma vez mas muitas vezes e sabia que, se corria o risco de danação eterna por um único primeiro pecado, a cada pecado sucessivo*

> *multiplicavam-se sua culpa e sua punição. Seus dias e trabalhos e pensamentos não podiam expiar por ele, tendo as fontes da graça santificante cessado de retemperar sua alma. Quando muito, por alguma esmola dada a um mendigo de cuja ação de graças ele fugia, podia esperar exaustivamente alcançar para si mesmo alguma parcela da verdadeira graça. A devoção fora toda perdida. De que lhe valia rezar se sabia que sua alma ansiava por sua própria destruição?"* (págs. 114-115)

Stephen sente-se contaminado por todos os tipos de pecado, mas continua a servir como presidente da Congregação Mariana no colégio e também continua suas aulas de catecismo, mas agora contempla as tecnicalidades de seu *"pecado violento"*. Analisa a origem e o resultado do seu atual estado pecador e percebe que, como prega São Tiago, seu pecado de luxúria espalha-se rapidamente para outras categorias de *"pecado mortal"*: ira, inveja, soberba, avareza, gula e preguiça. No momento exato em que Stephen se convence de ter consumada natureza pecadora, e quando está questionando a realidade espiritual do sacramento da eucaristia, é anunciado o retiro espiritual de três dias que haveria em Belvedere em homenagem ao patrono da escola, São Francisco Xavier. O anúncio *"aperta"* o coração de Stephen.

No primeiro dia do retiro, Stephen senta-se no primeiro banco da capela enquanto o Padre Arnall (que havia vindo de Clongowes especialmente) começa sermão sobre as *"últimas coisas"* que acontecem às pessoas – *"morte, julgamento, inferno e céu"*. A gravidade deste sermão do Dia do Julgamento Final, tirado de Eclesiastes 7:36, penetrou o coração de Stephen, fazendo-o imaginar vividamente o julgamento que receberia pelo pecado da luxúria, se morresse de repente. Padre Arnall enfatiza que é preciso examinar a consciência e se arrepender de seus pecados enquanto ainda se pode fazê-lo. Stephen faz um sincero exame do seu estado lamentável e da enormidade da sua ofensa contra Deus. Sua culpa aumenta, fazendo sentir como se cada palavra do sermão fosse dita especialmente para ele.

> *"Todas aquelas palavras eram dirigidas a ele. Contra seu pecado, sórdido e secreto, era dirigida toda a cólera de Deus. A faca do pregador penetrara profundamente em sua consciência enferma e ele sentia agora que sua alma apodrecia no pecado. É, o pregador estava certo. A vez de Deus chegara. Como um animal na sua toca, sua alma se deitara em sua própria imundície mas os sons da trombeta do anjo o haviam impelido da escuridão do pecado para a luz. As palavras de condenação gritadas pelo anjo despedaçaram num instante sua paz arrogante. O vento do último dia soprou através de sua mente; seus pecados, as prostitutas de olhos-como-jóias de sua imaginação, fugiam diante do furacão, chiando como camundongos em seu terror e se encolhiam sob uma cabeleira comprida e abundante."* (pág. 126)

Mais tarde, os pensamentos de Stephen voltam-se para Emma (a garota sobre qual ele fantasiava), para o *"pacote de fotografias"* que ele havia escondido, e para as *"longas cartas obscenas"* que ele deixara em lugar em que, estava certo, alguma garota desconhecida as encontraria e leria. Envergonhadamente suplica à Virgem Abençoada, que é menos dura do que Deus Pai, para que compreenda seus erros e tenha piedade dele, apesar de seus terríveis pecados.

No segundo dia do retiro, o sermão começa com graves palavras de Isaías 5:14: *"O Inferno ampliou sua alma e abriu sua boca sem quaisquer limites"*. Em outras palavras, o Inferno ainda estava faminto, faminto de Stephen. Stephen aprende como Lúcifer, o antes bem-amado anjo de Deus, por causa do seu orgulho, foi arremessado na escuridão sem fim do Inferno por um Deus

vingativo. O pecado de Lúcifer foi a sua recusa em servir a Deus (*non serviam*). Para preencher as lacunas deixadas por Lúcifer e seus consortes, Deus criou Adão e Eva, mas mesmo eles não conseguiram obedecer a Suas ordens. Esta seria a “herança” da natureza pecadora do homem.

O mestre do retiro lembra os garotos de que eles foram redimidos do pecado original (da natureza pecadora herdada) pela morte de Jesus Cristo, que foi crucificado para remissão dos pecados do mundo. Entretanto, a lembrança do supremo sacrifício de Deus ao entregar seu Filho não consegue confortar Stephen. Pelo contrário, faz com que seu remorso aumente na medida em que o palestrante descreve mais vividamente os castigos atrozes do inferno.

As descrições gráficas do Inferno – o mau-cheiro e seus tormentos – são extremamente dolorosas, porque o mestre do retiro explica demoradamente como o pecador sofrerá através dos *sentidos* – o que o pecador *ouvirá*, o que ele *cheirará*, o que ele *verá*, e a dor que ele *sentirá*. Ao decorrer dos sermões de Padre Arnall, os medos mais profundos de Stephen tornaram-se assustadoramente reais. Ao ouvir a descrição do confinamento superlotado do inferno, Stephen pode quase *sentir* os corpos dos danados; ao imaginar a escuridão fumarenta do báratro, seus olhos lutam para *ver*; ao imaginar a gritaria cacofônica dos condenados, seus ouvidos latejam de dor; e ao inalar imaginativamente o odor a que ele seria exposto por toda a eternidade, a *catinga* é insuportável: *“e os corpos dos malditos eles mesmos exalam um odor tão pestilento que, como diz São Boaventura*[6]*, um único deles seria suficiente para infectar o mundo inteiro”*.

Arnall enfatiza que a tortura física do inferno é apenas *parte* da danação eterna; a punição psicológica é tão terrível quanto a punição física. O padre insiste em que as pessoas destinadas ao inferno terão de suportar os gritos dolorosos e lancinantes dos outros condenados, assim como o escárnio dos demônios, sabendo todo o tempo que escapar é impossível. Uma vez no inferno, não há saída, está-se lá por toda a eternidade.

Com suas *“pernas tremendo e seu couro cabeludo estremecendo como se tivesse sido tocado por dedos espectrais”*, Stephen deixa a capela, horrorizado e culpado, intensamente consciente de sua necessidade de salvação. Embora saiba que precisa se confessar imediatamente, pede a Deus que perdoe sua vergonha em fazê-lo na capela do colégio.

Depois de discutir a existência física do inferno no seu primeiro sermão e os tormentos físicos e psicológicos no segundo, o Padre Arnall, um dia depois, começa o terceiro sermão, usando os salmos como introdução para descrever a dor espiritual do inferno, focando particularmente a *poena damni*, a dor da perda quando se é removido das vistas de Deus. Usando imagens concretas, apresenta a *“tripla ferroada”* do “verme cruel”: (1) a lembrança dos seus prazeres passados com desgosto, (2) a visão da *“horrenda maldade”* do pecado como o próprio Deus a vê e (3) a percepção de que deliberadamente escolheu *não* se arrepender e, portanto, deve sofrer danação eterna. O mestre do retiro conclui sua sombria peroração, levando a congregação à contrição.

Atordoado com o impacto do terceiro sermão, Stephen retorna humildemente ao seu quarto; examina sua consciência e, considerando cada um, calcula a magnitude dos seus pecados.

[6] Nota do resumidor – São Boaventura (1221-1274), franciscano, é um dos mais importantes doutores da Igreja, fazendo com São Tomás e Santo Alberto o trio de teólogos mais importante nas sínteses teológicas.

Quando vai para a cama, sua imaginação invoca criaturas cruéis e grotescas, que o cercam num ambiente sujo e mal-cheiroso, serpenteando suas longas caudas.

> *"Havia criaturas no campo: uma, três, seis; criaturas se moviam no campo, daqui para ali. Criaturas libidinosas, de chifres, com rostos humanos, com barbas ralas e cinzentas como borracha. A malícia da maldade cintilava em seus olhos duros, enquanto elas se moviam daqui para ali, arrastando suas longas caudas atrás de si. Um ricto de cruel malignidade iluminava com uma tonalidade cinzenta seus velhos rostos ossudos. Uma delas apertava em volta das costelas um colete de flanela rasgado, uma outra se queixava monotonamente quando sua barba se enfiava nos tufos de ervas daninhas. Uma linguagem suave brotava de seus lábios sem saliva enquanto elas chicoteavam em círculos lentos girando e girando em volta do campo, serpenteando aqui e ali através das ervas daninhas, arrastando suas longas caudas entre as latas chocalhantes. Moviam-se em círculos lentos, rodando cada vez mais perto para cercar, cercar, uma linguagem suave brotando de seus lábios, suas longas caudas chicoteantes lambuzadas de excremento rançoso, projetando para cima seus rostos terrificantes...*
> *Socorro!*
> *Ele atirou furiosamente as cobertas para longe de si a fim de libertar seu rosto e seu pescoço. Aquele era o seu inferno. Deus tinha permitido que ele visse o inferno reservado para os seus pecados: fétido, bestial, maléfico, um inferno de espíritos maus, devassos e libidinosos. Para ele! Para ele!"* (págs. 148-149)

Stephen vomita profusamente *"em agonia"*, reza à Santa Virgem pedindo ajuda, e começa a vaguear pelas *"visguentas"* ruas de Dublin à procura de uma igreja remota em que algum padre desconhecido pudesse ouvir a sua confissão. Na capela da Igreja, um velho capuchinho o escuta, dá-lhe uma penitência, e aconselha a pedir ajuda à Virgem Maria.

> *" – Você é muito jovem, meu filho – disse – e deixe-me implorar que renuncie a esse pecado. É um pecado terrível. Mata o corpo e mata a alma. É a causa de muitos crimes e infortúnios. Renuncie a ele, meu filho, pelo amor de Deus. É desonroso e indigno do homem. Você não pode saber aonde esse hábito desgraçado o levará ou onde se voltará contra você. Enquanto você cometer este pecado, meu pobre filho, você nunca será digno de um níquel de Deus. Rogue à nossa mãe Maria para que ela o ajude. Ela o ajudará, meu filho. Reze a Nossa Senhora quando este pecado vier à sua mente. Tenho certeza de que você fará isso, não é? Arrependa-se de todos esses pecados.Estou certo de que você o faz. E você vai prometer agora a Deus que por Sua santa graça você nunca mais vai ofendê-Lo com este pecado perverso. Você vai fazer esta promessa solene a Deus, não vai?*
> *- Vou, meu pai."* (pág. 155)

Aliviado, Stephen deixa a capela em estado de graça. Na manhã seguinte, toma a comunhão durante a missa e promete começar nova vida de pureza e santidade.

Capítulo IV

O capítulo começa com Stephen dedicando-se a uma vida de *"resoluta piedade"*, dispondo-se a aderir rigidamente aos rituais da fé católica:

> *"O mundo apesar de toda a sua sólida substância e complexidade não existia mais para a sua alma a não ser como um teorema de poder e amor e universalidade divinos"* (pág. 161)

O rapaz vai à missa matinal todos os dias, reza o rosário usando um terço que carrega no bolso, oferece súplicas para almas no purgatório e ora diariamente para ser purgado dos pecados mortais.

Para provar a sinceridade da sua renovada dedicação a Deus, Stephen começa a mortificar a carne, fazendo o máximo para neutralizar seus apetites do passado. *"Cada um dos seus sentidos foi posto sob rigorosa disciplina"*. Acorda cedo, enfrenta o agressivo vento da manhã no seu caminho para a missa, observa os jejuns prescritos pela Igreja e até mesmo tenta dormir sem mover-se para manter cada um dos sentidos sob esta nova e dura disciplina de mortificação, conforme os ensinamentos de santo Afonso de Ligório[7]. Em consequência, Stephen começa a sentir reverência perante a *"augusta incompreensibilidade"* da Trindade. Da mesma forma, sente-se tomado pelo seu atual estado de graça e pelo amor que ele acredita que Deus tem pela sua alma.

No entanto, velhos sentimentos de raiva, voluntarismo e desejo voltam a despontar sob esta nova fachada melhorada. Começa a duvidar da condição da sua alma e teme que ela já possa ter iniciado a "*queda*" sem o seu conhecimento. As dúvidas de Stephen aumentam. Ele se pergunta se sua confissão impetuosa ao capuchinho foi genuína ou uma mera reação à orquestração de terror do padre Arnall. O rapaz conclui que sua *"confissão* (foi) *boa"*, com base no *"sinal mais certo"* de uma boa confissão: *"Regenerei a minha vida, não regenerei?"*

Coincidentemente, o diretor da escola nota o piedoso fervor de Stephen e o chama para discutir sua eventual vocação religiosa. Durante a conversa, Stephen fica perplexo: o tom do diretor revela mundanidade quase frívola e Stephen também discerne tentativas óbvias de manipulação.

> *" -.Receber esse chamado, Stephen – disse o padre -, é a maior honra que Deus Todo-poderoso pode conferir a um homem. Nenhum rei ou imperador nesta terra tem o poder do ministro de Deus. Nenhum anjo ou arcanjo no Céu, nenhum santo, nem mesmo a própria Virgem Santíssima tem o poder de um ministro de Deus: o poder das chaves, o poder de absolver ou não um pecado, o poder do exorcismo, o poder de expulsar das criaturas de Deus os espíritos maus que têm poder sobre elas, o poder, a autoridade, de fazer o poderoso Deus do Céu descer sobre o altar e tomar a forma de pão e vinho. Que poder fantástico, Stephen! "* (pág. 169)

O rapaz confessa ao diretor que havia considerado a possibilidade de se tornar padre e, quase imediatamente, começa a fantasiar sobre o poder que estaria ao seu alcance, se aderisse ao clero. A entrevista termina com o aviso sombrio do diretor para considerar com seriedade "o chamado" (*"Uma vez padre, sempre padre"*). Despedem-se com um aperto de mão e o padre promete dedicar uma missa para inspirar a decisão de Stephen.

Dedalus considera as duras realidades da vida clerical e a verdade sobre sua aparente inabilidade em controlar desejos perturbadores que continuavam a vir à tona. Quando se lembra das restrições dos seus anos de Clongowes e Belvedere, seu corpo parece revoltar-se instintivamente contra viver o resto de sua vida confinado. O rapaz começa a perceber que a fraqueza básica da sua natureza o levará inevitavelmente à *"queda"* e que seu provável *"destino* (é) *desprezar as ordens sociais e religiosas"*.

---

[7] Nota do resumidor – Santo Afonso de Ligório (1696-1787) é o compilador do código moral cristão.

Perturbado por estas constatações, Stephen cruza a ponte sobre o rio Tolka a caminho de casa. Refletindo sobre o passado, olha para trás e vê o santuário da Virgem Maria, que parece uma memória evanescente. Stephen volta-se e segue em frente, de coração leve, em direção à *“desordem, à indisciplina e à confusão da casa de seu pai”*.

Em casa, contam-lhe que vão se mudar de novo. Mais uma vez, as dívidas crescentes do Sr. Dedalus frustaram qualquer esperança de estabilidade familiar. As crianças mais novas tentam tornar a situação mais leve, brincando com palavras e cantando, mas Stephen percebe que, apesar da alegria, elas parecem *“cansadas da vida”*. Enquanto as observa, e até se une a elas brevemente numa canção, percebe que deseja profundamente ser livre – não somente da vida religiosa, mas da desesperança e da pobreza de sua família.

Andando em direção ao mar, Stephen sente-se estranhamente otimista – talvez seu destino não fosse malfadado, no final das contas. Está certo que poderá encontrar *“coisas melhores”* se fosse para a universidade.

Pouco depois, um grupo de amigos anuncia sua chegada: *“Aí vem o Dédalo!”* Stephen interpreta a chacota como um tipo de profecia, e impetuosamente deixa suas dúvidas de lado. Promete ser como seu nome – Dédalo[8], o *“grande artífice”*. Passará por cima das restrições religiosas e culturais do passado e voará em direção a um futuro de liberdade artística.

Esta revelação faz com que perceba que deixou sua infância para trás. *“Sozinho... despreocupado... e próximo do coração selvagem da vida”*, Stephen move-se em direção ao mar, onde vê uma garota fitando o oceano, suas saias sensualmente puxadas para o peito, mostrando as pernas. Stephen a estuda, ela percebe e retribui o olhar de modo convidativo. Silenciosamente, a moça havia dado a resposta que ele procurava.

Este é um momento de revelação para Stephen. Ele grita *“Deus do Céu!”* em uma “*explosão de alegria profana”*. Na imagem desta garota, Stephen percebe a importância da solidão na apreciação da beleza. Ele pode *“adorá-la”* como se ela fosse um objeto de arte, e não precisa mais sentir vergonha por causa de seu desejo por ela. A moça desconhecida “revela” a Stephen que a vocação dele, ou seu *“chamado”*, é viver sua vida plenamente, independente do erro, e ao fazer isso, *“recriar vida da vida!”*

> *“A imagem dela penetrara sua alma para sempre e nenhuma palavra quebrara o silêncio sagrado de seu êxtase. Os olhos dela o haviam chamado e sua alma atendera ao chamado. Viver, errar, sucumbir, triunfar, recriar vida da vida! Um anjo selvagem lhe aparecera, o anjo da juventude e da beleza mortal, um mensageiro das belas cortes da vida, para abrir diante dele num momento de êxtase os portões de todos os caminhos do erro e da glória. Mais e mais e mais!”* (pág. 183)

O capítulo conclui quando Stephen pára para descansar na praia. Dorme e acorda muito mais tarde, muito depois de ter caído a noite.

[8] Nota do resumidor – Dédalo era um grande artífice (“protótipo do artista universal”) que caiu em desgraça em Atenas por ter assassinado um discípulo de que invejava o talento. Mais tarde, em Creta, construiria as famosas asas para si e para seu filho Ícaro, com as quais fugiria do labirinto em que estava confinado, apesar de o haver projetado.

Capítulo V

O final e mais longo capítulo do romance inicia com Stephen organizando distraidamente as cautelas de penhor que forneceriam o dinheiro para suprir as necessidades básicas da família Dedalus. Sua mãe reclama que ele chegará tarde à aula, e mais tarde diz temer que a educação universitária possa mudá-lo: *"Oh, é escandalosamente vergonhoso de sua parte, Stephen – disse sua mãe – e você vai viver para se arrepender do dia em que pôs os pés naquele lugar. Sei como aquilo o mudou"*. Seu pai o xinga de preguiçoso. Fingindo leveza, Stephen despede-se deles e sai para o mundo acadêmico.

Na próxima cena, vemos Stephen entediado na aula de literatura inglesa. Sua mente vagueia. Tenta escapar do confinamento da palestra pensando em palavras – como são arranjadas, seus derivativos latinos, e seu uso na poesia – e se pergunta se conseguirá escapar algum dia do estudo de rotina e ser capaz de *"forjar uma filosofia estética"* própria.

No momento, a teoria de estética de Stephen ainda está no estágio de formação, assim como sua personalidade e caráter. Entretanto, no decorrer deste capítulo, veremos elementos de sua vida passada desprendendo-se gradualmente na medida em que interage com seus amigos e professores, que trazem à tona novos aspectos do seu *self* de *"jovem artista"* em desenvolvimento. Comparando Stephen com cada uma das pessoas que ele encontra e com quem ele conversa, podemos ver como seu intelecto, suas atitudes e sua filosofia estética começam a assumir novas formas. Por exemplo, quando MacCann aborda Stephen a caminho da aula o chama de *"anti-social"*.

> *" – Dedalus, você é um ser anti-social, voltado para si mesmo. Eu não sou. Sou um democrata: e vou trabalhar e atuar pela liberdade e igualdade sociais entre classes e sexos nos Estados Unidos da Europa no futuro."* (pág. 188)

O próximo estudante que encontramos é Davin, um simples mas intenso *"camponês"* que chama Stephen pelo nome familiar de *"Stevie"*. Embora Stephen goste de Davin e dê valor à sua paixão e habilidades atléticas, sente que a lealdade de Davin à *"lenda lastimosa da Irlanda"* faz dele uma espécie de *"servo leal e obtuso"* (da Inglaterra) e da causa morta do nacionalismo irlandês.

> *"Sua mente se armava contra qualquer tipo de pensamento ou de sentimento que viesse da Inglaterra ou por meio da cultura inglesa, em obediência a uma senha; e do mundo existente além da Inglaterra ele conhecia apenas a legião estrangeira da França na qual falava em se alistar."* (pág. 192)

O discurso e atitudes provincianos de Davin contrastam marcantemente com a nova e experimental eloquência dos pensamentos e expressões de Stephen. Por exemplo, Davin também tinha tido encontro com uma mulher desconhecida e sedutora. Embora sua experiência houvesse sido vagamente semelhante ao encontro de Stephen com a garota na praia (ambas as mulheres foram receptivas), o relato poético de Stephen elevou a experiência dele para o nível de arte. Em contraste, a narrativa de Davin, repleta de expressões grosseiras, reduziu aquele encontro a uma realidade vergonhosa.

Dedalus encontra o reitor dos estudos e entabula com ele uma discussão sobre estética e a responsabilidade do artista. Conversando com o reitor metaforicamente sobre a natureza da iluminação artística, Stephen atribui seus próprios pensamentos sobre o assunto às ideias de Aristóteles e São Tomás de Aquino.

“ – O que eu disse – recomeçou ele – se refere à beleza no sentido mais amplo da palavra, no sentido que a palavra tem na tradição literária. No mercado ela tem outro sentido. Quando falamos de beleza no segundo sentido do termo nosso julgamento é influenciado em primeiro lugar pela própria arte e pela forma dessa arte. A imagem, é claro, deve ser disposta entre a mente ou os sentidos de próprio artista e a mente ou os sentidos dos outros. Se você conservar isso em sua memória verá que a arte se divide necessariamente em três formas avançando de uma para a outra mais próxima. Estas formas são: a forma lírica, a forma na qual o artista apresenta sua imagem em relação imediata consigo mesmo; a forma épica, a forma na qual ele apresenta sua imagem em relação imediata consigo mesmo e com os outros; a forma dramática, a forma na qual ele apresenta sua imagem em relação imediata com os outros” (pág. 225)

A compreensão literal e limitada desta teoria pelo professor frustra Stephen e faz com que ele acabe sentindo pena do *“serviçal fiel”,* que preenche sua ocupação sem possuir verdadeiro conhecimento. Dedalus reflete:

“Que pássaros eram aqueles? Ele se deteve nos degraus da biblioteca para olhar para eles, apoiando-se cansado em sua bengala. Voavam girando e girando em volta do ângulo saliente de uma casa na Molesworth Street. A atmosfera daquele anoitecer de final de março tornava claro o seu vôo, seus corpos escuros trepidantes e dardejantes voando claramente de encontro ao céu como se de encontro a um tecido molemente suspenso de um azul rarefeito e enfumaçado.

Observou-lhes o vôo; pássaro após pássaro: um lampejo escuro, uma guinada, um novo lampejo, um arremesso para o lado, uma curva, um bater de asas. Tentou contá-los antes que todos os seus corpos trepidantes e dardejantes desaparecessem: seis, dez, onze; e se perguntava em número se eram ímpares ou pares. Doze, treze; pois dois vinham girando para baixo do alto do céu. Voavam alto e baixo mas sempre girando e girando em linhas retas e curvas e voando sempre da esquerda para a direita, rodeando em volta de um templo de ar.” (pág. 236)

Em seguida, Stephen toma parte em vigorosa discussão com um grupo de colegas. Encontra Cranly, um colega que, como os outros, quer discutir a petição de MacCann para o desarmamento e a promoção da paz mundial. Stephen fica irritado com a insistência para que assine a petição.

“ – Minha assinatura não tem a menor importância – disse polidamente. – Você está certo em seguir o seu caminho. Deixe-me seguir o meu.
- Dedalus – disse MacCann vivamente -, creio que você é um bom rapaz mas ainda precisa aprender a dignidade do altruísmo e a responsabilidade do ser humano.” (pág. 210)

Dedalus usa esta situação como oportunidade para exercer seu pensamento independente, e ao fazê-lo, impressiona Temple, um colega emotivo e melodramático. Temple segue Stephen como um discípulo, apoiando fervorosamente sua decisão de *não* assinar a petição.

Stephen conta a Cranly que havia brigado com sua mãe naquela noite:

“- Cranly, tive uma briga desagradável esta noite.
- Com o seu pessoal? – perguntou Cranly.
- Com minha mãe.
- Sobre religião?
- Foi sim – respondeu Stephen.
Depois de uma pausa Cranly perguntou:

- Que idade tem sua mãe?
- Não é velha – disse Stephen. – Ela quer que eu cumpra meu dever pascoal.
- E você, vai fazê-lo?
- Não vou, não – disse Stephen.
- Por que não? – disse Cranly.
- Eu não quero servir – respondeu Stephen.
- Alguém já fez esta declaração antes – disse Cranly calmamente.
- E está sendo feita por mim agora – disse Stephen calorosamente." (pág. 251)

Reúnem-se a Cranly e Stephen dois outros estudantes, Lynch e Davin, que fornecem a Dedalus outra oportunidade para enunciar sua filosofia estética em desenvolvimento. Mais tarde, durante uma partida de *hurling*, Davin mostraria preocupação pelo crescente isolamento de Stephen; Davin o incita a abraçar sua herança irlandesa: *"Tente ser um de nós"*, ele diz. Stephen imediatamente rejeita a sugestão, denuncia o patriotismo exagerado de Davin e promete *"escapar destas redes"* da *"nacionalidade, linguagem e religião"* que ameaçam confiná-lo:

" – Você sabe o que é a Irlanda? – perguntou Stephen com fria violência. – A Irlanda é a velha porca que come sua ninhada." (pág. 215)

Stephen está pronto para bater asas. No seu diário consta:

"Dezesseis de abril: Fora! Fora!
Sortilégio de braços e vozes: os braços brancos das estradas, suas promessas de abraços apertados e os braços negros dos altos navios que se erguem de encontro à luz, suas histórias de nações distantes. Eles são mantidos a distância para dizer: Estamos sozinhos. Venha. E as vozes dizem com eles: Somos seus parentes. E o ar está denso com a presença deles enquanto eles me chamam, eu um deles, se aprontando para ir, sacudindo as asas de suas juventudes exultantes e terríveis.
Vinte e seis de abril: mamãe está pondo em ordem minhas novas roupas de segunda mão. Ela reza agora, diz ela, para que eu aprenda em minha própria vida e longe de minha casa e amigos o que o coração é e o que ele sente. Amém. Que assim seja. Bem-vinda, oh vida! Eu vou encontrar pela milionésima vez a realidade da experiência e forjar na forja da minha alma a consciência incriada da minha raça.
Vinte e sete de abril: Velho pai, velho artífice, valha-me agora e sempre. " (págs. 265-266)

(Resumo adaptado por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Bernardina da Silveira Pinheiro, retirados de "Um Retrato do Artista Quando Jovem", Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2006.)